

doc
CA1
EA912
H51
PDR
1982
Dezembro

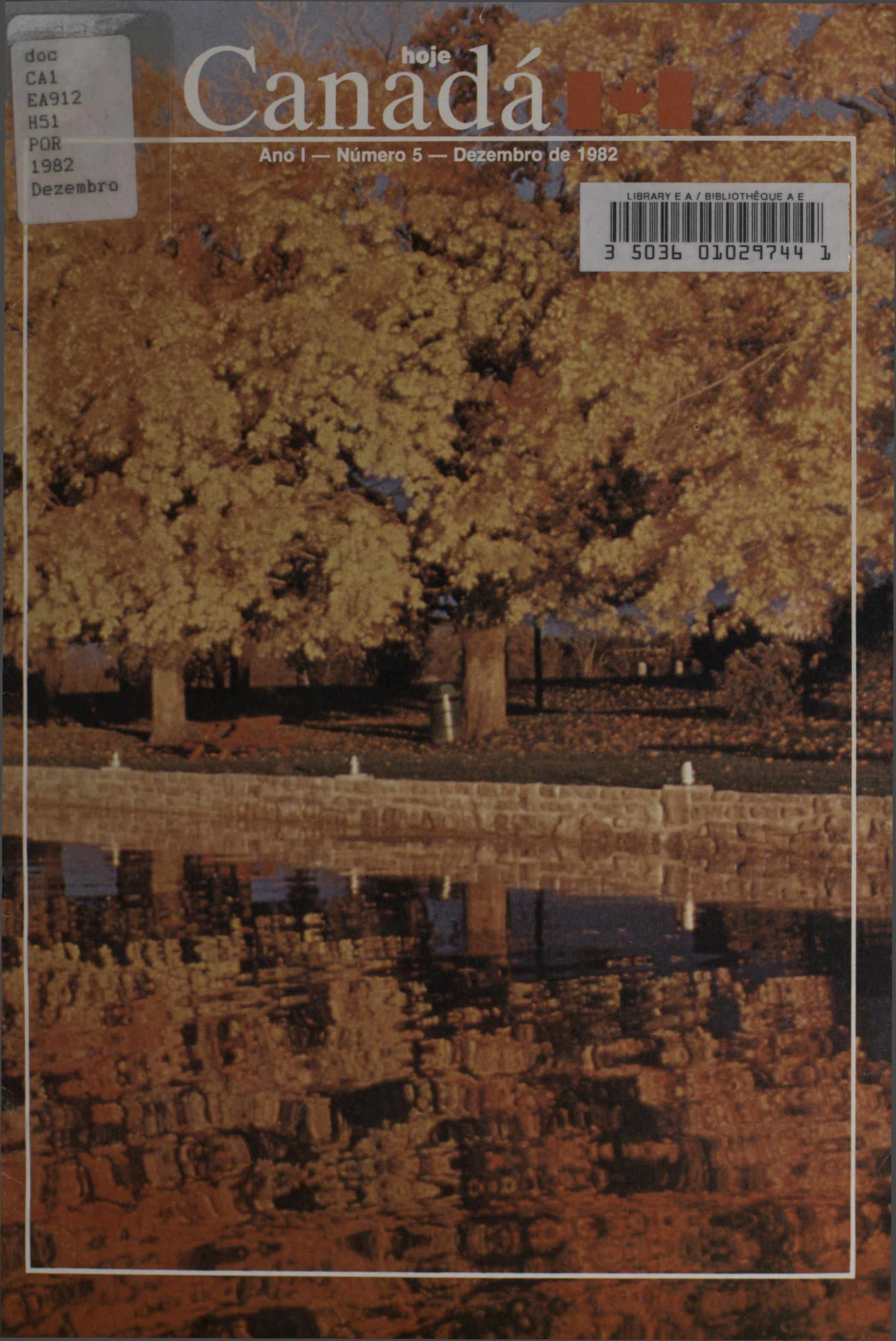
hoje Canadá

Ano I — Número 5 — Dezembro de 1982

LIBRARY E A / BIBLIOTHÈQUE A E



3 5036 01029744 1



EDITORIAL

NO último editorial do ano gostaria de focar, uma vez mais, uma das facetas do relacionamento bilateral Brasil-Canadá: a área de Ciências e Tecnologia. As relações formais remontam ao ano de 1968, quando foi assinado um acordo para troca de cientistas e idéias. Do lado menos formal, à mesma época, engenheiros e diretores da EMBRAER e da PRATT & WHITNEY começaram a trabalhar em conjunto com o objetivo de adaptar-se os motores canadenses de aviação para as aeronaves brasileiras. O "Bandeirante" é um dos resultados desta colaboração. Estar-se à frente do desenvolvimento de nova tecnologia é muito interessante e ambos os países sabem que há um imenso potencial de cooperação mútua neste campo. Entretanto, 1982 é que deve ser chamado de o *ano da ciência e tecnologia* para nossos países. A concessão do BRASILSAT para o Canadá certamente resultará numa maior cooperação científica na área de comunicações. Este é o exemplo mais concreto que posso pensar neste momento, onde uma particular parcela do conhecimento de alta tecnologia canadense foi traduzida em colaboração com o Brasil. Esta "venda" não significa apenas que o Brasil comprou dois satélites do Canadá e que aí termina tudo. Uma grande atenção foi dada para a área de treinamento, significando um processo de aprendizado que vai beneficiar ambos os países na medida em que novas aplicações venham a ser descobertas para a tecnologia transferida.

Do lado mais formal, em março deste ano, um marco histórico aconteceu quando o CNPq e o *Natural Sciences and Engineering Research* do Canadá

assinaram um acordo de intercâmbio de cientistas. Um acordo similar a este também foi feito entre o mesmo organismo brasileiro e o *Medical Research Council* graças aos esforços dos cientistas de ambos os países. No setor privado, a BRASCAN e a Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais assinaram um convênio em agosto último para dar assistência à exploração de minério em Rondônia e para promover o intercâmbio na área de mineração. Devo dizer que tal programa não é o primeiro feito por esta companhia canadense como parte de sua ação social. Já foram gastos mais de 10 milhões de dólares num programa de pesquisa agroindustrial no Nordeste do Brasil.

UM outro grande evento este ano, pouco divulgado pela imprensa, foi a visita da missão canadense em maio, que veio para identificar, junto com o CNPq e outros departamentos e agências brasileiras de ciências, as áreas científicas de comum interesse para ambos os países. Pode parecer ficção científica, mas é muito provável que o Canadá e o Brasil venham a trabalhar em conjunto para transformar em realidade o aproveitamento comercial da energia eólica, a das marés e a do hidrogênio. Esta forma de cooperação exige inovação e criatividade. Os cientistas de nossos países têm estas qualidades em abundância.

R.S. MacLean
Embaixador

Universiade 83

EDMONTON, em Alberta, será a cidade-sede dos próximos *Jogos Universitários do Mundo* a ser realizado no período de 1º a 11 de julho de 1983. Mais de 4.000 competidores de 85 países, incluindo a União Soviética, os Estados Unidos, a China e o Japão, estarão disputando os títulos em jogo na maior competição mundial do gênero.

Planejado pelo *Edmonton Organizing Committee*, a *Universiade 83* prevê, também, um programa cultural muito intenso com exposições de arte, música, dança e artesanato com a colaboração dos 900 grupos étnicos de Alberta e de outros países participantes.

Espera-se um comparecimento de aproximadamente 300.000 visitantes e uma presença de 700.000 espectadores nos 10 esportes que lá se farão presentes (natação, mergulho, ciclismo, basquete, ginástica, vôlei, entre outros), totalizando 10 dias de competição.

Qualquer informação, comunique-se por carta com:

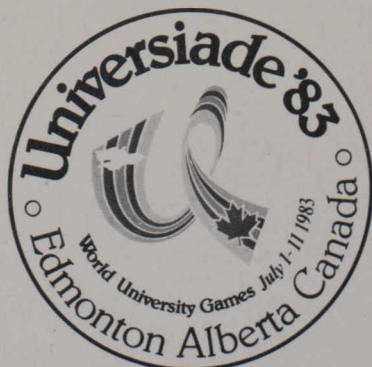
UNIVERSIÁDE 83
P.O Box 2650
EDMONTON, ALBERTA
T5J 2G4

SUMÁRIO

Editorial	2
Universiade 83	2
Por que folha de <i>Maple</i> ?	3
O mundo do ano 2000	4
As idéias políticas de Pierre Elliott Trudeau	5
Saskatchewan: um lugar para ser vivido	6
Um Natal multicultural	8
Intercâmbio de tecnologia	10
O National Film Board	11
A pintura de Robert Bateman	12
Sementes do Canadá	13
Parques Nacionais, 28 ao todo por todo o Canadá	14

Canadá Hoje é uma publicação trimestral das missões diplomáticas canadenses no Brasil. **Embaixada do Canadá** (Brasília): Av. das Nações — lote 16, setor de Embaixadas Sul, tel: 223-7515. **Consulado-Geral** (Rio de Janeiro): Av. Presidente Wilson, 165/6, tel. 240-9912. **Consulado-Geral** (São Paulo): Av. Paulista, 854/5, tel. 287-2122. **Coordenação Editorial**: Celio de Almeida (Assessor de Comunicação/Rio)

Redação: Juarez Passos — **Layout**: Jobar — **Fotos**: NFB — **Fotolito**: Reprocolor — **Impressão**: Gráfica Vitória — **Tiragem**: 5.000 exemplares. Os artigos assinados não representam, necessariamente, a opinião do governo canadense. As matérias podem ser reproduzidas, desde que citada a fonte.





Por que folha de *maple*?

A bandeira canadense, como ela é desenhada hoje em dia, foi hasteada oficialmente, pela primeira vez, em 15 de fevereiro de 1965. Embora a bandeira seja relativamente nova, a folha de *maple* que ela ostenta não é um símbolo novo: tem, mais ou menos, 160 anos de história atrás dela.

Nos idos de 1805, a folha de *maple* teve um lugar de destaque como símbolo dos franco-canadenses e, logo no ano seguinte, foi indicada como símbolo do Canadá. Existe uma história que conta que durante a guerra de 1812/1814, quando os Estados Unidos tentaram anexar o Canadá a seu território, na Batalha de Chateauguay, perto de Montreal, mediante a força numérica invasora, para se defenderem os canadenses perfuraram seus uniformes, se cobriram de folhas de *maple*, colocando-se ombro a ombro, numa tentativa de se camuflarem contra o iminente ataque americano. A vitória em Chateauguay salvou o Canadá de ser anexado e disse, desde então, que a folha de *maple* teve papel relevante na salvação do Canadá como nação.

A *St. Jean Baptiste Society* de Québec adotou formalmente, em 1834, a folha de *maple*

como o emblema da Sociedade e, por volta de 1860, este símbolo já era ostensivamente usado através do Canadá. E foi durante a Primeira Guerra Mundial que este símbolo tornou-se o distintivo do Exército canadense.

Em 21 de novembro de 1921, o Rei George V, na emissão da Proclamação, assegurou o que é agora, com uma pequena diferença, as Armas do Canadá: três folhas vermelhas de *maple* foram colocadas na base do escudo. Este fato desgostou o então Primeiro-Ministro Sir Robert Borden, que achava que folhas vermelhas significavam

folhas mortas e que um país novo como o Canadá deveria ser representado por folhas verdes, vivas. Em 1957 o emblema nacional foi simplificado e, ao mesmo tempo, as folhas verdes voltaram a ser pintadas de vermelho.

Algumas pessoas reclamavam deste símbolo porque diziam que as árvores de *maple* predominavam no este do Canadá e que não cresciam em todo o país (embora se possa encontrar árvores da espécie de costa a costa do país) e que, portanto, não representavam todo o Canadá e os canadenses. Mas esta reclamação chegou tarde demais para se apagar a folha de *maple* dos corações e mentes da maioria dos canadenses.

Os símbolos, na verdade, se estabelecem sozinhos com o correr dos anos e, frequentemente, emergem do folclore. Como e porque eles são escolhidos tem sua melhor explicação na tradição do que na história. Eles falam de um passado distante, meio esquecido, misteriosamente silencioso para o seu começo. E, assim, é com a folha de *maple*. A árvore já estava aqui antes mesmo que chegássemos.



David Bickford

O mundo do ano 2000 implicações para o Canadá — Parte II

ESPECIFICAMENTE o Relatório Global 2000 conclui que, relativamente a outros países, o Canadá encara o futuro promissor pelo fato da nação possuir:

- uma população educada e não ser superpopuloso;
- um largo capital de base e um alto rendimento, bem como uma alta renda *per capita*;
- abundante e relativamente barato suprimento de alimentos;
- florestas abundantes e estáveis;
- recursos minerais e energéticos abundantes para suprir suas próprias necessidades e, portanto, menos dependência em energia importada do que outros países;
- poucos problemas com o meio ambiente em comparação a outros países, embora enfrente problemas com chuva ácida e alguma dificuldade com o solo agriculturável e com a água;
- não tem possibilidades de ser invadido ou isolado por seu maior parceiro comercial; e
- pode esperar um crescente interesse por seus recursos.

Embora com estas condições favoráveis, o Canadá encara alguns problemas de vulnerabilidade e desvantagens comparativas:

- é uma economia baseada na exportação de recursos e, então, necessita de parceiros comerciais como base para uma economia forte;
- pressões para imigração aumentarão;
- poderá atingir o limite de seu potencial de exportação de cereais antes do fim do século;
- permanece vulnerável às mudanças climáticas; e
- poderá continuar a experimentar tensões internas que estarão ligadas à política de desenvolvimento dos recursos.

A grande ameaça poderá estar nas perturbações em sua economia por causa dos deslocamentos da economia mundial. Como um país aberto e exportador de recursos naturais, o Canadá está vulnerável a esses deslocamentos, que parece que vão acontecer nos próximos anos — como por exemplo, problemas com a balança de pagamentos, protecionismo, calamidades e outros problemas financeiro-econômicos. Um resfriamento do clima do mundo (ou mesmo poucos anos de clima adverso no Ca-

nadá) poderia aumentar a vulnerabilidade do país para qualquer acontecimento em outra parte do mundo.

Os problemas econômicos mundiais resultantes do crescimento da população, o esgotamento de recursos (especialmente petróleo) e a deterioração do meio ambiente serão maiores nas próximas décadas. E mesmo com uma imprecendente cooperação entre as nações, será difícil para o Canadá proteger-se de qualquer ponto de sua vulnerabilidade enquanto continuar a ter um papel de nação emergente:

— Entre as questões que já ocupam os canadenses estão os domínios estrangeiros, o processo ou a manufatura de minerais, a dependência do capital e tecnologia estrangeiros, bem como a poluição de origem norte-americana.

— O Canadá parece fraco em programas de planejamento e políticas de recursos capazes de estabelecer um comércio estável e continuar com a produtividade de recursos renováveis, bem como adicionar um valor manufaturando e processando-os.

— Os principais pontos vulneráveis do país, bem como as principais oportunidades, estão assentados nas suas relações com os Estados Unidos. Alguns dos principais pontos de potencial de desenvolvimento para o Canadá devem ser mantidos na mente. Por exemplo, os Estados Unidos estão se tornando mais interdependentes com o resto do mundo e, por conseguinte, mais vulneráveis às condições mundiais, de maneira que pode afetar as relações de ambos os países.

— O Canadá faria bem em alargar

seu comércio (70% com os Estados Unidos) e, para reorganizá-lo, poderia haver diferenças de perspectivas no que concerne à energia, chuva ácida, água, pesca e cereais.

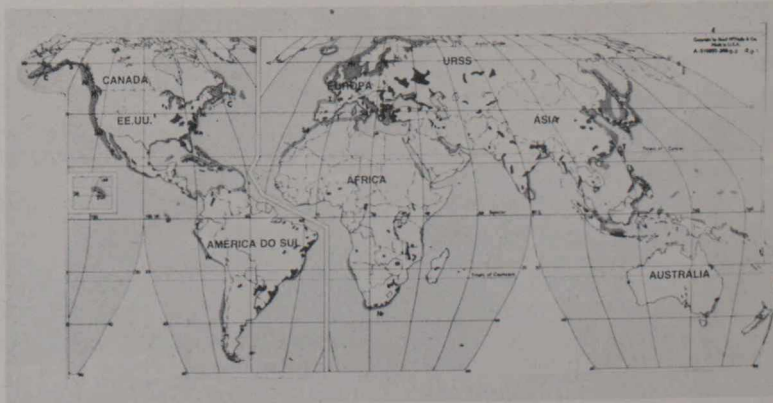
— As maiores oportunidades de comércio parecem ser com os novos países industrializados — Brasil, México, Indonésia etc. O Canadá também está numa posição única para ter um importante papel no mundo desenvolvido. É rejeitado pelo sul, bem como pelo norte, e atingiu na política externa a ênfase para as relações multilaterais.

— Seria desejável para o Canadá, os Estados Unidos e para o resto do mundo ter uma idéia clara de como operarão, no futuro, os mercados de alimentos da América do Norte. Uma proposição para uma comissão conjunta americano-canadense em políticas de alimentos merece maior consideração.

— Tensões internas parecem ser mais fáceis de se lidar agora do que serão em 10 ou 20 anos, na medida em que se tornarão mais intensas com o passar dos anos.

— O Canadá é o segundo, logo após o Japão, em dependência do bom comportamento da economia e do comércio mundial. Uma grande guerra, uma interrupção na remessa de petróleo pelo meio-este ou uma quebra de operações no sistema monetário internacional teriam significantes efeitos.

— O Canadá está entrando num momento especial de sua história e está começando a possuir uma considerável força de barganha. Certas ações devem ser tomadas agora para que permitam capitalizar as oportunidades que surgiram.



As idéias políticas de Pierre Elliott Trudeau

ELE tem sido, sem favor, a mais fulgurante personagem da cena política do Canadá faz quase quinze anos e, também, a mais controversa. Líder carismático, orador de grande vãos, fluente nas duas línguas do país, capaz de arrastar em pós si as massas, mestre em explicar sutilezas do Direito Constitucional, de resposta pronta e contundente, Pierre Elliott Trudeau é mais do que um político, um estadista de fama internacional. E não errou John Saywell quando, na introdução ao livro "Federalism and the French Canadians", do primeiro-ministro, afirmou: "To many people, Pierre Elliott Trudeau has seemed enigmatic and paradoxical". E parece o mesmo. Derrotado nas eleições gerais de 1979 pelo conservador Joe Clark, já no ano seguinte conseguia voltar ao posto de primeiro-ministro, ao serem convocadas eleições antecipadas, um golpe de inexperiência do jovem Primeiro-Ministro Clark que, como tantos outros políticos canadenses, não contava com o ressurgimento de Trudeau na ribalta política. Efetivamente, o líder liberal manifestara a sua intenção de retirar-se da política após ter governado o Canadá por onze anos. Mas esse político flamboiante e imprevisível, que não é de poupar os adversários, soube tirar partido das medidas governamentais de seu opositor, que, infelizmente, não haviam caído na simpatia popular. E voltou ao poder, desta vez com mais ímpeto, com mais idéias reformistas e querendo apagar, a curto prazo, as marcas da questão quebequense, que permanece viva na bela província de língua francesa e que tem como arauto um líder não menos carismático e não menos habilidoso como é o Premier René Lévesque.

Mas o Canadá desta segunda gestão de Trudeau estava ameaçado de dividir-se, com a intensa campanha levada a efeito pelo Premier Lévesque e seu bem organizado Parti Québécois. Trudeau viu, então, que era tempo de drásticas modificações na estrutura política da federação, se a quisesse manter intacta. Teve que enfrentar, logo, o plebiscito quebequense, no qual 59,5% dos eleitores votaram em favor da manutenção dos vínculos com o resto da federação, como mais uma província. Entra direto na campanha contra o plebiscito quebequense e, com muito cuidado, evita ferir a sensibilidade dos habitantes de língua francesa da província rebelde. Evita falar de "nação canadense", mas de "povo do Canadá". Foi uma campanha de sutilezas, em que Trudeau usou de todo o seu fascínio pessoal e todo o seu talento oratório, o que cresce tendo em vista que maneja o francês e o inglês com a mesma desenvoltura. Aliás, dando o maior exemplo de sua teoria do bilingüismo nacional, ele discursa nos dois idiomas, passando de um para o outro com muita facilidade. E o resultado é que se sagrou vitorioso, uma vez mais, e diria, depois, no seu discurso ante a convenção nacional do Partido Liberal do Canadá, em Winnipeg, em 4 de julho de 1980: "When Quebecers turned down option which would have had all the laws for Québec being made by the Québec government, that meant that they accepted the option of a Canadian government for all Canadians, for all people living in this country which is called Canada. And that, after, all, was what Quebecers wanted - to stay in Canada". Ele queria salvar a federação. E salvou, ainda que usasse de todos os métodos e da máquina do governo. Mas tudo valia "para preservar a unidade", como declararia a repórteres que acompanharam o desenrolar da campanha. Ele atacou, rija-mente, o Premier Lévesque e a tal ponto que foi acusado pelo Premier Bennett de levar adiante uma vendetta pessoal, do que se defendeu com veemência. "Não acredito que exista nada de pessoal entre o Sr. Lévesque e eu", diria depois.

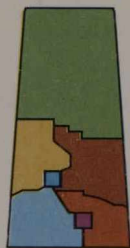
O primeiro-ministro, após a ameaça de sucessão do Quebeque, tratou de cimentar as bases do governo central, fortalecendo-o em detrimento da autonomia dos governos provinciais, o que não foi bem recebido. Ele foi outra vez acusado, desta vez de querer destruir a feição da federação, democrática e parlamentar, levando o Estado canadense

para o republicanismo, o que repugna à vasta maioria dos cidadãos, nados e vividos sob o sistema parlamentar, a federação como a conhecemos e a monarquia, porquanto o chefe do Estado continua a ser a Rainha da Grã-Bretanha. E teve início uma série de conversações, reunião e discussões do primeiro-ministro com os primeiros regionais, e Trudeau viu que a situação ficava mais difícil, encontrando cerrada oposição por parte dos governos provinciais. Apenas New Brunswick, Ontario e Saskatchewan ficaram do lado do primeiro-ministro, mas mesmo essas províncias exigiam que uma Carta dos Direitos e Liberdades para cada uma das províncias ficasse integrada à Constituição que brotaria desse acordo governo central-governos locais. Trudeau propunha que o British North America Act, de 1867, fosse devolvido ao Canadá e não mais sujeito à supervisão do Parlamento britânico. Assim, os britânicos deixariam essa posição secular de protetores ou garantes da vida administrativa do Canadá. Para os mais conservadores isso soava como um rompimento com a Coroa, enquanto outros achavam que se enfraqueceria a autonomia das províncias, que se reuniram para definir uma estratégia contra Trudeau. O primeiro-ministro agiu, então, de modo unilateral, pedindo ao Parlamento britânico que renunciasse a esse direito de supervisão. A situação continuou num impasse e o negócio terminou na Suprema Corte com uma vitória de Pirro... E Trudeau declarou, irritado, que desejava remover do Canadá "the dubious distinction of being the only independent country in the world that doesn't have the power to amend its own Constitution" (in "The Prime Minister's Speech to the National Convention of the Liberal Party of Canada Winnipeg, July 4, 1980, pág. 9).

TRUDEAU é excessivamente sutil, pelo menos para nós, brasileiros, quando trata desses delicados assuntos de parlamentarismo, democracia parlamentar, federação, emenda constitucional, confederação, autonomia regional, poderes do governo central. As vezes brinca com as definições, como quando fala de "patriation of the Constitution" e no que isso importa. Defende-se de não querer introduzir o republicanismo, como frisei acima, e que só deseja é fortalecer a federação através de um governo central que fique com todas as responsabilidades de âmbito federal, deixando às províncias as suas competências regionais. Seria mesmo? Estudiosos da questão quebequense acham, porém, que o primeiro-ministro deseja, mais que tudo, evitar a concretização da ameaça do Parti Québécois de que o Quebeque terá, ou cedo ou tarde, o seu encontro com a história, consoante palavras do Premier Lévesque. Note-se que, apesar de ter sido derrotado no plebiscito, René Lévesque foi confirmado como primeiro-ministro do Quebeque e o seu partido venceu as eleições provinciais espetacularmente. Por ocasião do fechamento da reunião de primeiros-ministros sobre a Constituição, em 13 de setembro de 1980, Pierre Elliott Trudeau teve acirrada discussão com o Premier Brian Peckford a cerca do que ele entendia por federação canadense, concluindo, com asperza, que "Canada is more than a free association of provinces".

É muito cedo para dizer-se se o Primeiro-Ministro Trudeau conseguiu o seu desideratum e o que pode vir depois dele. O movimento do Quebeque está latente, apesar da derrota inicial, os demais primeiros-ministros se sentem enfraquecidos com as modificações propostas por Trudeau. Mas ele está sendo sincero: o que deseja mesmo é manter a unidade do vasto país e manter a federação, ainda que a desnature um pouco para padrões canadenses. Nunca Pierre Elliott Trudeau foi tão honesto e tão patriota, quanto nos últimos dois anos. E nunca, também, foi tão fiel às suas idéias políticas e ao seu conceito de federalismo, do que desde o seu retorno ao Governo!

Colaboração de Newton Sabbá Guimarães



Saskatchewan:

Um lugar para ser vivido

HÁ muito para ser descoberto em Saskatchewan... Apenas para dar uma idéia mais facilmente, pense numa província com sete diferentes regiões de turismo, todas em um mesmo território! Então, escolha suas preferências e comece a arrumar as malas.

A fronteira

É a terra dos *cowboys*, dos foras-da-lei. E de surpresas que nunca param de acontecer! O sudoeste de Saskatchewan, com sua história belicosa de índios, homens brancos e a lei, é o lugar de nascimento do velho oeste.

Vales da campina

Dizem que num dia claro em Saskatchewan pode-se ver o amanhã. O mosaico dourado da campina e o verão deixam ver o interminável horizonte. Mas lá, no coração do país do trigo — sudeste da província —, a surpresa espera pacientemente. O *Qu'Appelle Valley* aparece de repente: um grande corte de aproximadamente 2/3 da província, cravado séculos atrás pelas torrentes das águas glaciares...

Parque da mata

Pioneiros, homens e mulheres, com um pouco mais que sonhos em suas malas,

*Vales da Campina.
Chalet no Parque
Provincial de
Moose Mountain.*



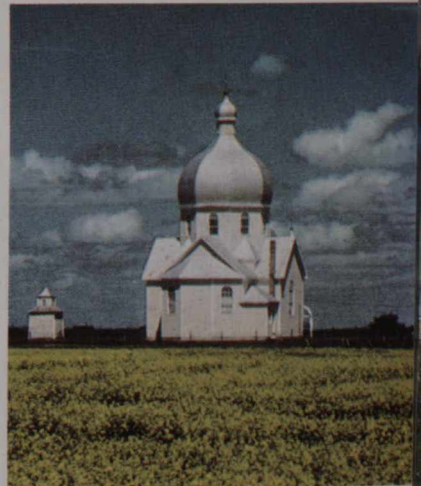
*Parque da Mata.
Igrejas formam um elo
com o passado.*

distantes milhares de quilômetros de suas casas, cheios de saudades, testas enrugadas como a terra, contaram histórias de sobrevivência e lutas nos primeiros anos de ocupação. Hoje, no centro-este de Saskatchewan, aqueles homens não foram esquecidos. Museus e igrejas contam sua história. Famílias carregam orgulhosamente suas tradições étnicas e, assim, festivais desabrocham com a comida, a música e o espírito da terra natal.

Trilha da herança

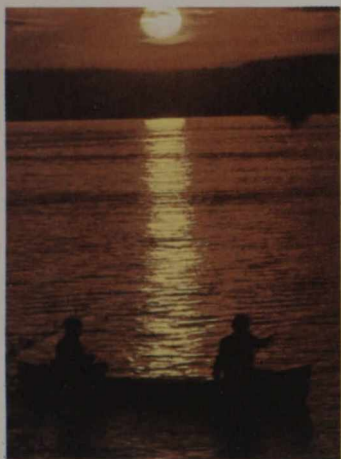
Um século atrás Levis Riel acendia o oeste do Canadá como um fogo de campina. Alguns o chamavam de traidor, outros de líder, um herói. Na história do povo de Metis nenhum homem aparece mais corajoso que ele. Ele é um mito histórico na rebelião que ali aconteceu em 1855. Hoje, as cidades de Batoche, Cut Knife e Battleford ecoam com os sons da insurreição. Uma visita ao Batoche National Historic Site e ao seu museu é um toque no passado.

*A Fronteira.
Recriando as
carroças de
1882.*



Escudo do norte

O norte da província de Saskatchewan é um imenso *playground* de oito milhões de acres virtualmente intocados pelo homem e suas máquinas. Milhares de lagos, cheios de peixes, uma imensidão de terra com uma beleza toda própria é um perfeito convite para se acampar e para a canoagem em suas águas claras e límpidas. Longe, embora sem ser isolado, o norte da província pode ser tudo sem ter mudado desde que chegaram os primeiros ocupantes. Hoje, campos de pesca e de *camping* cobrem a paisagem e em todos os lugares pequenos refúgios oferecem o conforto de um lar, se assim se quiser.



Trilha da Herança. Um sol diferente...

Escudo do Norte. Águas secretas para a pesca.



Cidades das Pontes. Hotel Bessborough ao centro.

Cidade das pontes

Talvez seja a vitalidade de seu povo ou a quantidade de coisas para se fazer, mas uma visita a Saskatoon, não importando o tempo que se passe, não deve ser deixada de lado. Aquilo que começou como uma colônia no campo floresceu em uma próspera e cosmopolita cidade de 150.000 habitantes, reconhecida pelo seu espírito empreendedor, sua amabilidade e informalidade. Inseparável do seu rio South Saskatchewan, que a corta em duas, Saskatoon é conhecida como a cidade das pontes. Uma boa maneira de se apreciar o cenário é tomar o Little Northcote que navega no rio de junho a setembro. Mas suas margens dão um cenário de parques, da área para piqueniques, e durante o inverno, para as brincadeiras na neve. Em julho, estas mesmas margens estão cobertas de saskatoon — uma deliciosa fruta silvestre de onde a cidade roubou o nome.

Cidade da rainha

Da janela de um jato ou da poltrona de um ônibus, a primeira visão de Regina, a capital, é inesquecível: uma cidade plana. Mas apenas a terra é plana, pois o espírito alegre dos 160.000 habitantes de Regina — uma grande área de compras, com vida noturna muito ativa e uma economia em ascensão — aparece na personalidade da cidade. Regina é a cidade cujo tempo chegou. Uma nova vida emerge da economia da província (indústrias e serviços), que a tem ajudado a se desenvolver em paz e com prosperidade.

Regina é a sede da Royal Canadian Mounted Police, uma das mais tradicionais forças policiais do mundo.



Cidade da Rainha. A Royal Canadian Mounted Police em ação...

Um Natal multicultural

O Natal no Canadá é celebrado de muitas maneiras graças a fantástica multiplicidade cultural que deu formação ao povo canadense. É uma mistura de alemães, irlandeses, holandeses, italianos, franceses, ingleses, japoneses, espanhóis, portugueses, escoceses e muitos outros que, com suas diversas tradições, fazem do Natal canadense um dos mais diferentes e alegres natais do mundo.

Embora exista essa formação e culturas diversas, todas elas possuem uma forma em comum de festejar o Natal: a árvore de Natal. Elas começam a ser vendidas poucas semanas antes do Natal em lojas, esquinas, num estacionamento ou em qualquer espaço vazio na cidade. São pequenas florestas sem raízes que surgem da noite para o dia e desaparecem rapidamente do lugar onde ficaram seus troncos. O cheiro do pinheiro emana pelo ar, deixando a cidade com uma suave fragrância de Natal. Nas lojas de departamentos brilham as prateadas árvores feitas pelo homem, numa variedade extasiante de altura e cores.

Mas, segundo a tradição, a melhor árvore é aquela que toda a família se reúne e sai para encontrá-la no meio da floresta. Para que isso seja possível, são plantados pinheiros em diversas áreas próximas às cidades exclusivamente para esta finalidade. Diversas fazendas e sítios também cultivam pinheiros para a "poda do Natal". O pai carrega o serrote, corta a árvore, o pinheiro tomba ao chão nevado e as crianças se encarregam de arrastá-lo e colocá-lo na mala ou capota do carro. Em poucas horas aquela árvore estará iluminada refletindo as mais diferentes cores. Para acompanhar o trabalho de decoração é servido chocolate, um vinho quente, ou, na tradição britânica, *eggnog* — uma espécie de gemada feita com leite ou vinho — a fim de se aquecer enquanto neva do lado de fora. Neste exato dia começa o Natal para os canadenses.

Os descendentes dos ingleses e franceses acendem suas casas com milhares de luzes coloridas, os interiores são decorados por galhos de pinheiros, folhas de *holly* e todos os ornamentos lembram o Natal. Meias vermelhas com o nome dos familiares em letras brilhantes são penduradas na lareira à espera de *Santa Claus* (Papai Noel). Ele chega durante a noite e no dia 25 de dezembro toda a família se levanta cedo para procurar seus presentes nas meias e embaixo da árvore.



A ceia de Natal, segundo a tradição britânica, é composta de peru recheado com *chestnuts* (nozes) e coberto com *chanberries* (um tipo de cereja), sendo servida no dia 25. Já os franco-canadenses servem *tourtière* e muitas outras delícias da cozinha francesa, mas esta ceia é servida logo após a missa natalina celebrada à meia-noite no dia 24.

Para os canadenses de família alemã as celebrações começam na tarde do dia 24, quando a árvore de Natal está totalmente decorada e os presentes desembulhados são colocados sob ela. A festa é durante a noite e é o *weihnachtsman*, o Papai Noel, que traz os presentes, é claro. No dia seguinte um tradicional jantar de pato é servido com um bolo chamado *stollen*.

Do lado polonês, o jejum é feito durante o



dia 24 numa preparação para o jantar de 13 pratos, composto principalmente de peixe, o qual representa os 12 apóstolos e Cristo. Os presentes, bem decorados e postos sob a árvore, são abertos à noite, normalmente antes do jantar.

Tradicionalmente as crianças italianas recebem seus presentes no dia do Natal do Menino Jesus. Peixe e queijo são os componentes mais importantes nas comidas servidas no Natal. Todos se deliciam com o típico pão de passas e frutas cristalizadas, o *panettone*, feito em casa ou, como o *stollen*, encontrado em lojas e supermercados do Canadá.

As tradições, é claro, são muitas, mas os canadenses gostam dessa miscigenação cultural, aproveitando mais dessa festa, a maior do mundo católico.

Intercâmbio de tecnologia é a base para a cooperação industrial

QUAL a relação que existe entre a emergente e respeitada tecnologia industrial brasileira com o tradicional "know how" canadense? A resposta a esta pergunta está em São José dos Campos, um município com 300 mil habitantes localizado a 84 quilômetros de São Paulo, capital. No maior centro de aeronáutica e espaço brasileiro, todos estão acostumados a ter em sua rotina diária produtos canadenses, cujo volume deve aumentar substancialmente ainda nesta década.

A **EMBRAER** — Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A. — tem sua história ligada com a indústria canadense *Pratt & Whitney*, que forneceu as turbinas para os aviões brasileiros, desde o primeiro protótipo do Bandeirante até o moderno e ágil treinador militar Tucano, que começa a ser entregue em 83.

Mas o futuro também vai ligar o Canadá a São José dos Campos. Este país acaba de ganhar a concorrência aberta pelo Ministério das Comunicações para o fornecimento de um satélite de telecomunicações brasileiro. E a contrapartida comercial foi um dos itens prioritários no julgamento das propostas, onde se destacam a transferência de tecnologia, num programa de 100 milhões de dólares, e um amplo pacote financeiro para todo o projeto por parte das agências financeiras canadenses.

Assim, os técnicos brasileiros que trabalham no Programa Espacial do INPE — Instituto de Pesquisas Espaciais — e no IAE — Instituto de Atividades Espaciais —, ambos sediados em São José dos Campos, vão ter oportunidade de tomar contato com a tecnologia canadense de construção de satélites artificiais para o desenvolvimento dos quatro primeiros satélites brasileiros, de sensoriamento remoto e de telecomunicações, que estarão prontos no final da década.

Perfeita união

Até o início dos anos 80, a Pratt & Whitney já havia produzido nada menos do que 18 mil turbinas da família PT6 o que lhe proporcionou um faturamento superior a 1 bilhão de dólares. Dentro desse quadro está a EMBRAER que hoje é considerada como uma das maiores usuárias internacionais da empresa canadense de motores aeronáuticos. A EMBRAER já comprou mais de mil turbinas para equipar suas aeronaves e apenas os aviões EMB-110 Bandeirante já voaram mais de 1 milhão de horas com as turbinas canadenses, um marco destacado na história de qualquer aeronave.

Mas as turbinas PT6 não equipam apenas o Bandeirante, mas também o EMB-121 Xingu e o EMB-312 Tucano.

O primeiro é o avião executivo para até oito passageiros, pressurizado e dotado de avançado equipamento de navegação e comunicação. O segundo é um treinador militar sofisticado, que transporta seus dois tripulantes em tandem, tem assentos ejetáveis e pode carregar mil quilos de armamentos em pilões sob as asas. Essa aeronave realiza seus últimos ensaios em voo e já se apresentou, com sucesso, nas feiras internacionais de Le Bourget, na França, e Farnborough, na Inglaterra. Suas primeiras unidades começam a ser entregues à Academia de Força Aérea do Brasil em janeiro do próximo ano.

O futuro também está presente nas relações entre EMBRAER e Pratt & Whitney, que desenvolve uma turbina mais potente e mais avançada para uma aeronave de nova geração da empresa brasileira. As turbinas PW 115 vão equipar o avião EMB-120 Brasília, pressurizado, de 30 passageiros, que começa a operar comercialmente a partir de 1985.

Futuro agora

A presença canadense começa a aumentar progressivamente em São José dos Campos a partir do próximo ano, quando forem iniciados os estudos de transferência de tecnologia da empresa canadense Spar Aerospace para o Brasil visando a orientar o desenvolvimento dos primeiros satélites brasileiros. O Brasil comprou por 131 milhões dois satélites de comunicações do grupo Spar Aerospace, associado à Hughes Aircraft, Co., dos EUA. Em 1985, o sistema brasileiro de telecomunicações por satélite estará em funcionamento. Enquanto isso, os técnicos brasileiros que trabalham no INPE e IAE já estão procurando absorver o "know how" canadense nessa área para aplicar na Missão Espacial Completa Brasileira, que prevê o lançamento de quatro satélites construídos no Brasil até o final da década de 80 e nos primeiros dois anos da década de 90.

Absorção da tecnologia canadense é considerada como de vital importância para o sucesso da missão espacial brasileira, uma vez que a base industrial canadense na área de satélites artificiais tem um grau muito elevado de inovação internacionalmente reconhecido. A empresa que vai transferir tecnologia para o Brasil é a mesma que vai construir o Canadarm", um braço mecânico altamente sofisticado que será usado no ônibus espacial dos EUA. A Spar tem 20 anos de experiência na área e está construindo a próxima geração de satélites de comunicação do Canadá.

Colaboração de Antonio Augusto de Oliveira

Assessor de Imprensa/EMBRAER



O National Film Board no cinema canadense

Quando explodia a Segunda Guerra Mundial, o Canadá formava sua primeira geração de cineastas. Isto foi possível graças à criação do National Film Board of Canada, em 2 de maio de 1939.

A criação do National Film Board of Canada significou um grande impulso para a indústria do cinema no Canadá. Mas a história do cinema canadense não começa exatamente aí. Conta-se que por volta do ano de 1898, a *Companhia Massey-Harris* encarregou Thomas Edison de produzir um filme que mostrasse suas ceifadeiras mecânicas em atividades, nas fazendas de Ontário. Este seria, segundo alguns pesquisadores, o primeiro filme de promoção comercial que se tem conhecimento na história do cinema. No entanto, nesta época, as atividades cinematográficas ainda não eram organizadas. Só a partir de 1914 é que alguns pesquisadores despertam para a importância do cinema e passam a documentar e registrar sua história no país. Mas o grande marco do cinema canadense é, efetivamente, a criação do Instituto, em maio de 1939.

Seu idealizador e primeiro diretor é o cineasta e sociólogo escocês John Grierson. Vindo da Inglaterra onde desenvolvia intensa atividade no cinema documental, Grierson resolve aplicar seu conhecimento e experiência na produção de documentários. A idéia deu certo: Um farto material documental foi produzido nesta primeira fase de vida ativa do Instituto.

O cinema e a guerra — Quando o Instituto formava sua primeira geração de cineastas, sob orientação de Grierson, explode a Segunda Guerra Mundial. O Instituto se viu envolvido na produção de filmes que ajudassem o esforço de guerra aliado. Ao final do conflito, o Instituto estava por demais ligado aos temas e imagens da guerra e o povo queria esquecer tudo que estivesse associado ao assunto. Desta forma, era necessário reestruturar a linha de produção de filmes para resgatar a imagem do Instituto diante da opinião pública.

Seguindo as determinações constantes no Ato que o criou — “promover a produção e distribuição de filmes do interesse nacional, para mostrar o Canadá aos canadenses e às outras nações... e estimular as pesquisas cinematográficas...” —, o Instituto desenvolveu um grande esforço no sentido de cumprir estas determinações e apagar definitivamente sua imagem de envolvimento com a guerra. O primeiro passo foi a produção de filmes educativos. A seguir, usando da autonomia concedida pelo governo, com liberdade para dirigir suas atividades e competir no mercado cinematográfico, o Instituto passou a desenvolver projetos arrojados e audaciosos e, em pouco tempo, obteve sucesso absoluto em suas iniciativas.

Uma das iniciativas bem sucedidas na indústria cinematográfica canadense foi a produção de *curta-metragem*, gênero até então marginalizado pela indústria do cinema, especialmente a indústria americana. Assim, investiu-se na produção deste tipo de cinema, aproveitando o baixo custo de produção e, ao mesmo tempo, proporcionando o estudo e aprimoramento de novas técnicas. O Instituto alcançou uma posição de vanguarda na produção de *curta-metragem* no mundo. Esta posição é referendada pela

crítica internacional e pelos numerosos prêmios conquistados em amostras e festivais.

Norman McLaren — O sucesso do cinema canadense era uma realidade. Nos anos do pós-guerra, revelou-se sua maior força criadora e um dos maiores talentos da história do cinema no Canadá: Norman McLaren. Vindo da Inglaterra com Grierson, idealizador do Instituto, McLaren revolucionou o meio cinematográfico com projetos extremamente audaciosos para a época. Segundo Grierson, McLaren deu “o toque de loucura que os jovens artistas devem experimentar a fim de terem o necessário impulso para ir adiante”

O cinema de animação ganha vida com McLaren. Introduzindo a técnica do desenho diretamente sobre a película e efeitos sonoros por meio de formas gráficas, o cinema de animação surge com amplas perspectivas de sucesso no mercado. Mas não ficava só nisso. McLaren foi além. O cinema de animação, além do desenho, passou a ser feito com atores. Esta técnica, chamada por McLaren de *pixilation*, ficou famosa através do filme *Vizinhos* ganhador de um Oscar em Hollywood e vários outros prêmios.

Identidade cultural — O sucesso com os filmes experimentais de animação e filmes de cunho eminentemente artístico não impediu que o Instituto também produzisse outros tipos de filme. A diversificação da linha de produção era uma determinação assinalada no Ato de criação do Instituto. Desta forma, foram produzidos documentários sobre os mais diferentes assuntos, especialmente sobre temas que registrassem a identidade da nação canadense. Assim, foram produzidos documentários sobre a vida dos esquimós no Ártico, as cerimônias tribais dos índios, as atividades dos lenhadores de Quebec; dos pescadores das províncias marítimas; fatos históricos como a Via Marítima de São Lourenço e a Rodovia Transcanadense foram documentados e comentados. Para atender as escolas, foram feitos filmes didáticos com ênfase para temas como a natureza e a higiene. O Instituto tratou também de produzir filmes no campo da psicologia, sociologia, de treinamento e esclarecimento da opinião pública e, ainda, campanhas encomendadas pelos órgãos governamentais.

Paralelo à produção de filmes, o Instituto tem tido, ao longo dos anos, o cuidado de manter um quadro efetivo de engenheiros e técnicos que pesquisam técnicas e equipamentos que são utilizados na confecção dos filmes. Este aperfeiçoamento contínuo e a busca permanente de inovação no cinema possibilitou ao Instituto experimentar e, posteriormente, exportar, para a indústria do cinema, técnicas e equipamentos tais como: fotômetros especiais para filmagens ao ar livre com teleobjetivas, controlador de tempo para efeitos especiais, suporte rotativo oscilante para filmagens de efeitos solares e do céu em geral e uma das mais recentes criações, o *sprocketape*, sistema de gravação de som sincronizado à câmara, entre outros.



A pintura de Robert Bateman

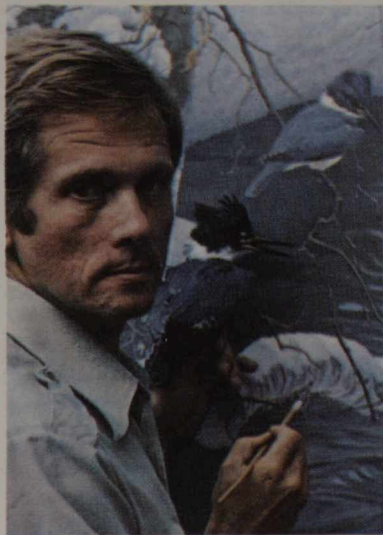
HÁ há alguns anos o nome de *Robert Bateman* circula entre os críticos de arte de todo o mundo, mas no Canadá sua fama era limitada a poucos apreciadores da arte de pintar e ao pequeno vilarejo de Burlington, onde o artista vive e trabalha. Finalmente em 1981 ele foi reconhecido oficialmente com a indicação do *Artista Americano do Ano*, cujo trabalho foi exposto em uma mostra no Museu Nacional de Ciência Natural de Ottawa, e uma biografia ilustrada com reproduções de sua obra foi feita por um dos maiores editores do país.

Virtuosismo, invencionismo, cultura científica se fundem nos quadros deste pintor capaz de explicar e reproduzir a atmosfera e imagens do mundo animal. Este retorno ao realismo — um gênero de arte que a moderna experiência artística relegou a puro exercício — e o imprevisto interesse que seus quadros começaram a suscitar não alteraram o modo de vida deste artista que desde a infância tem se dedicado à observação e estudo da natureza, esforçando-se por captá-la e por reproduzi-la sem distorções antropomórficas.

Nascido em Toronto no ano de 1930, Robert cresceu na periferia da cidade, não muito longe do campo onde podia continuamente fazer incursões ao mundo natural. Sua mania de levar para casa alguma lembrança de suas expedições — uma pena, uma folha, por exemplo —, e de ficar a estudá-la minuciosamente, fez com que sua mãe o inscrevesse no clube dos Naturalistas do Royal Ontario Museum, uma associação ligada à Universidade de Toronto onde se podia fazer pesquisas no campo, estudar anatomia e biologia e praticar seus conhecimentos de artes.

Já rapaz formou um grupo com outros companheiros interessados em ciências naturais e muitos de seus companheiros, hoje, têm posição de prestígio na conservação e estudo do meio ambiente. Embora seja Bateman o único que tenha se afirmado como pintor, todos sabiam pintar e desenhar e, além disso, eram bons fotógrafos.

Outra experiência importante para sua obra foi o período de 3 anos que, em suas férias, trabalhou no Parque de Algonquin. Neste período de experiência ao vivo, entrou em contato com a obra do Grupo dos Sete, uma escola de pintura que naquela terra selvagem tinha encontrado inspiração e expressão. Quando em seguida, teve que escolher sua carreira universitária, Robert optou por geografia porque, embora ele gostasse de desenhar, ele queria uma vida em campo aberto que lhe permitisse viajar pelo mundo. Mesmo assim não se furtou de sua inclinação artística e frequentou por cinco anos o curso de Carl Schaefer, aprendendo a segurança do traço, a essência e a rapidez.



A base da pintura de Bateman é caracterizada pelo movimento e pela fugacidade do instante. O sujeito não está mais no centro do quadro mas, volta e meia, semi-escondido com vida própria em perfeita harmonia com o ambiente que o circunda.

Uma vez laureado, Bateman entrou para o corpo docente da Ontario School of Education, onde está há 20 anos ensinando, inicialmente, geografia e arte e, agora, apenas arte. Seguindo sua natureza irrequieta e aventureira fez muitas viagens, indo da região ártica ao Rio Amazonas, subindo o Himalaia, percorrendo a Europa, Ásia e África. Onde andava, fazia anotações de suas impressões, recolhia material e documentava-os, tirava fotografias, visitava os museus locais de ciências naturais.

O mesmo espírito de explorador que o fazia dirigir um carro de um conti-

nente a outro fez com que sua arte percorresse um itinerário estilístico que, partindo do realismo de Van Gogh e Gauguin, chegou a experiência cubista de Cezanne e Picasso, ao abstracionismo de Pollock e De Kooning, para chegar novamente ao realismo. O ponto determinante nesta direção foi a mostra de Andrew Wyeth que Bateman viu em Buffalo no ano de 1963, um acontecimento que não apenas teve um grande impacto sobre ele, como também no público e na crítica que começaram a reconsiderar sob nova luz a pintura naturalista.

INDICADO para a Nigéria por dois anos num programa educativo para países do terceiro mundo, Bateman continuou a amadurecer a grande impressão que lhe fez a pintura de Wyeth e a se dedicar à pintura com renovado entusiasmo. Numa visita a um amigo em Nairobi, vê ocasionalmente os regulamentos de um concurso de pintura e decide participar. Não vence, mas foi convidado por um casal de americanos que tinha uma galeria de arte a vender seus quadros. Não faltaram compradores para seus quadros e logo choveram pedidos. De volta a sua pátria tomou-se completamente pela pintura e teve que renunciar ao ensino. Sua primeira mostra importante foi na *Tryon Gallery* de Londres, considerada uma das primeiras do mundo da arte naturalista.

No mesmo ano, 1975, participou de uma coletiva de artistas contemporâneos sobre "Animais na Arte" no Royal Ontario Museum. De então ao sucesso tem muita história e seus quadros alcançaram cotações altíssimas. Os pedidos são tantos que para evitar disputa e brigas, os donos das galerias dão o direito de prioridade de compra tirando a sorte entre os vários compradores.



Sementes do Canadá



O Canadá é hoje um dos mais importantes produtores e exportadores de sementes forrageiras, leguminosas e cereais do mundo. Esta posição é fruto de uma política de incentivos e investimentos ininterruptos nas culturas agrícolas do país.

A exportação de sementes, especialmente forrageiras, já se tornou uma “marca registrada” canadense. No início do século foram exportadas as primeiras partidas de semente de trevo produzidas no país. De lá para cá, com as técnicas aplicadas e o padrão de qualidade imposto pelos órgãos aos produtores, as sementes canadenses conquistaram um lugar de destaque no mercado internacional.

Como um dos centros abastecedores de semente para produção, o Canadá tem, através do seu Ministério da Agricultura, sistematicamente aprimorado técnicas de melhoramento das plantas buscando, com isso, melhor resistência ao inverno e às doenças, melhor qualidade e produtividade e, conseqüentemente, melhores safras.

Sendo elemento de grande importância na economia do país, a produção de sementes está, desde o princípio do século, sob orientação de uma cuidadosa legislação, elaborada especialmente para controlar a qualidade e o comércio.

A primeira lei de controle de sementes no Canadá, de 1905, estabelecia padrões de pureza e proibia a venda de sementes de qualidade inferior. Outras leis sucederam à de 1905 com objetivo de atualizá-la. Afinal, a produção se desenvolveu e a exportação necessitava de critérios que não estavam consignados nesta legislação. A lei, atualmente em vigor, foi atualizada em 1959 e ministrada pela Divisão de Produtos Vegetais do Ministério da Agricultura, tendo por finalidade regulamentar a venda e importação de sementes, como também estabeleceu normas de classificação e grau de pureza genética e de germinação para as sementes classificadas. Desta forma, a produção de sementes é rigorosamente inspecionada

e, posteriormente, etiquetada com as informações necessárias para o produtor.

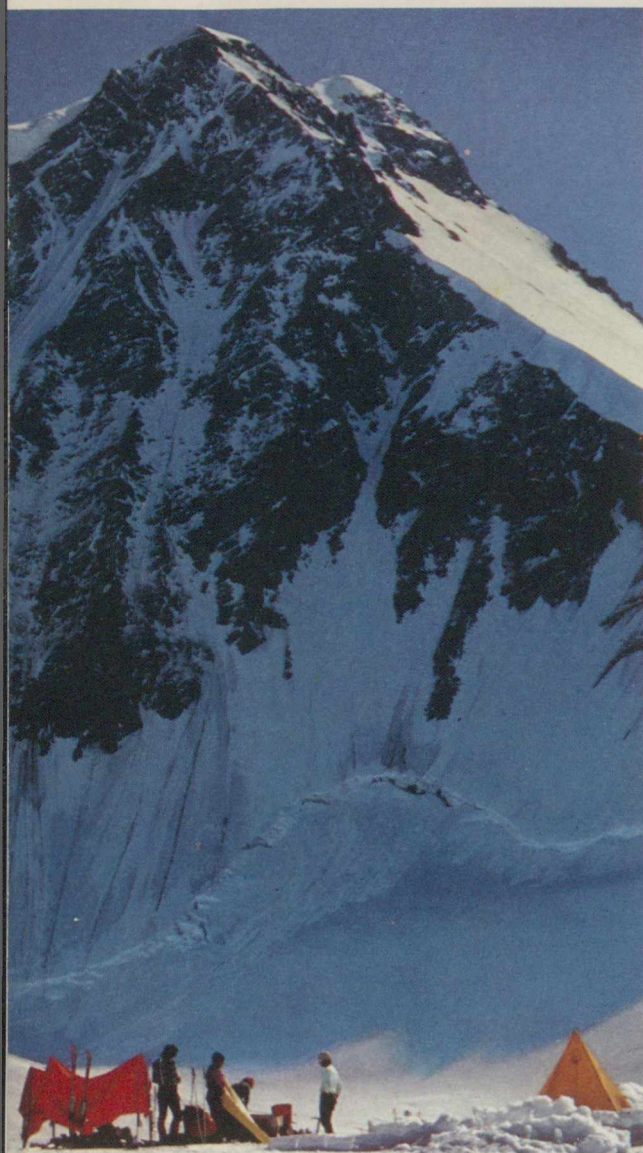
A classificação das sementes é feita por produção e comercialização. As sementes classificadas como *Básica*, *Registrada* e *Certificada* são reservadas para culturas de linhagem, registrada pela Associação Canadense de Produtores de Sementes. Estas sementes são puras e totalmente isentas de outras culturas e diferentes das sementes classificadas como “comerciais”, que não atendem o requisito de “linhagem registrada”.

O Canadá possui também um programa de multiplicação de sementes e está aparelhado e em condições de desenvolver projetos de variedades de sementes para outros países. Além de técnicas apropriadas para os mais diversos tipos de cultura, os projetos são economicamente viáveis e é garantida a pureza genética das variedades obtidas. Esse aval de garantia deve-se ao fato do Canadá ser membro da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico — conferente de certificado às variedades de sementes herbáceas que circulam no mercado internacional — e tem, em funcionamento desde 1904, o sistema de “Registro de Linhagem”.

Algumas espécies de sementes produzidas no Canadá

Cultura de forrageiras	Cereais e oleaginosas
Trevo híbrido	Trigo
Trevo dos prados	Aveia
Alfafa	Cevada
Capim do prado	Centeio
Alpiste	Ervilhas
Cornichão	Linho
Festuca vermelha	Feijão de soja
Azevém perene	Milho
Capim trigueiro intermediário	Colza
Capim trigueiro alongado	Girassol
Capim de pomares	

Parques Nacionais, 28 por todo o Canadá



Parque Nacional de Gros Morne — vista do cume da montanha de Gros Morne — Newfoundland.

Parque Nacional de Banff — Alberta.



Parque Nacional de Point Peles (verão) — Ontário.

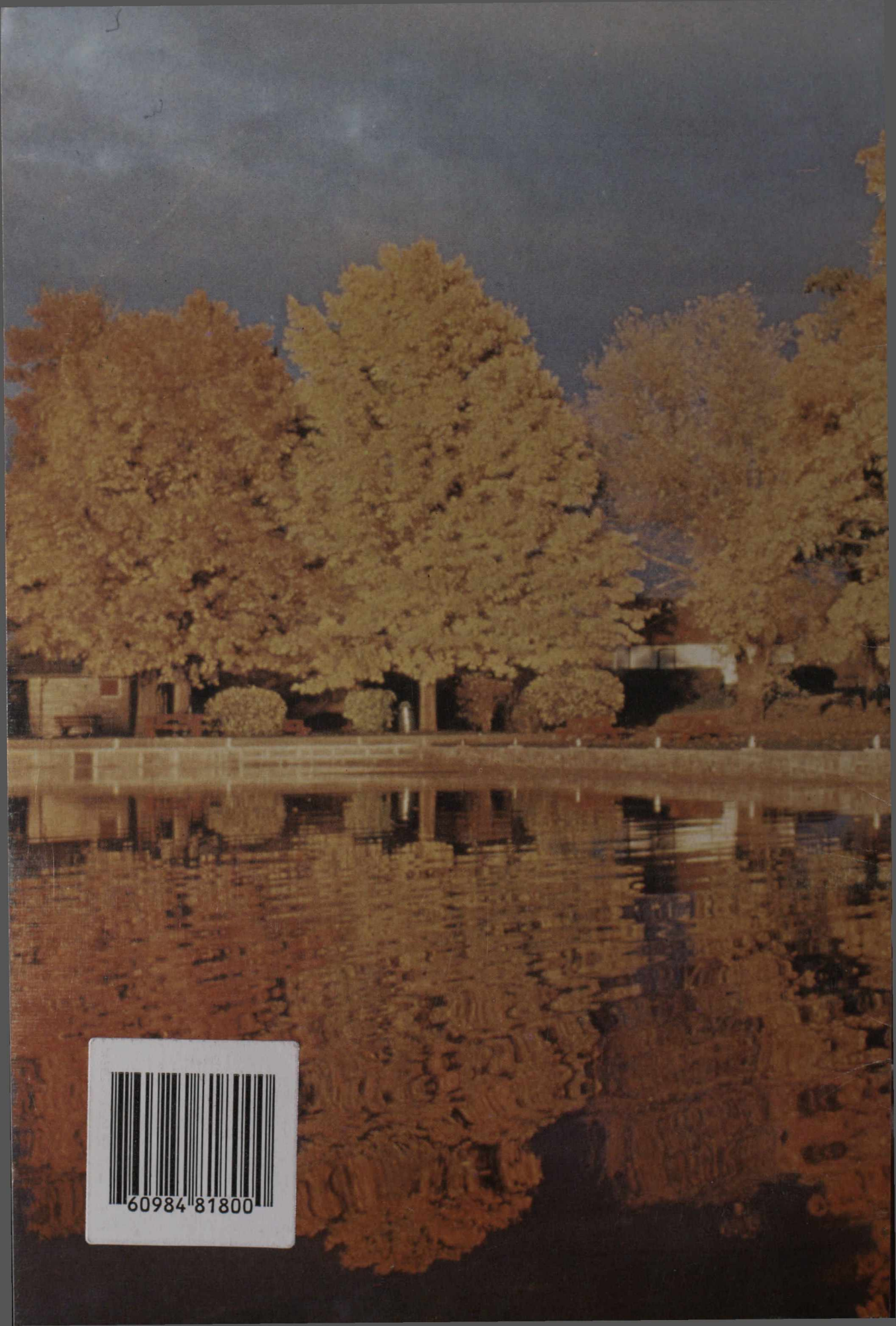


O Canadá é um país que preserva em seus parques nacionais uma das maiores belezas do mundo: a natureza. Existe, pelo menos, um parque nacional em cada uma de suas províncias e territórios. Doze deles são localizados do lado oeste, seis no centro, sete nas províncias do Atlântico e três em Yukon e no Northwest Territories. A estrada Trans-Canadá e as principais rodovias do país levam à maioria dos parques espalhados pelo segundo maior país em extensão territorial do mundo.

É fácil encontrar o ambiente que se procura graças à diversificação de localização

geográfica em que eles se encontram. Indo-se de trailer ou com uma mochila, sendo um admirador de pássaros ou um alpinista, existe um parque nacional para combinar com os mais diversos gostos.

Os parques nacionais foram criados de tal forma que os canadenses sempre terão lugares de excepcional beleza e serenidade, preservando a natureza de sua terra. Eles foram também destinados pelo Parlamento ao benefício, educação e entretenimento do povo do Canadá. Cada um dos parques possui distintos exemplares de flora, fauna e geografia, a qual é a herança de todos os canadenses.



60984 81800